O ELEFANTE SAGRADO

EPOPÉIA (Revista Mensal). ★ Propriedade da Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Publicações para Rapazes, Moças e Crianças. ★ Direção de Adolfo Aizen. ★ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. ★ Telefone 48-6391. ★ Rio de Janeiro (D. F.), Brasil

Roteiro para o Leitor

O ELEFANTE SAGRADO

Esta é a história maravilhosa de um pobre menino órfão, corajoso, bom e puro, que, graças à sua fé profunda e sincera, alcança a riqueza e a felicidade. Depois de peripécias extraordinárias, Rudi, o pequeno herói, chega à Índia onde consegue converter ao Cristianismo inúmeros adeptos de religiões e cultos estranhos à nossa civilização. Além de Brama, um dos deuses da trindade "Brama-Çiva-Visnu" que significam respectivamente "criador-conservador-destruidor", são venerados, na Índia, Buda, o sábio, e muitos ídolos de seitas diversas, assim como animais, e até plantas, num misto de religião e de superstição. A deusa Káli, por exemplo, símbolo da morte e da destruição, é representada com quatro braços, mãos vermelhas, rosto negro e língua exposta, trazendo em volta do pescoço um colar de crânios dos gigantes abatidos por ela. Sua festa, "Káli-Puja", realiza-se na noite mais escura de novembro, quando são sacrificados, em sua honra, búfalos, cabras e ovelhas. Um dos seus templos existia em Kalikshetra, perto de Kalighat — cidade hoje conhecida pelo nome de Calcutá.

Entre os animais considerados sagrados nas Índias Orientais, o elefante branco tem papel preponderante. No antigo reino do Sião, em cujas armas figura, êsse paquiderme raro "residia" em luxuoso templo-estrebaria com manjedouras de ouro maciço, e possuía "vestuários" diversos e riquíssimos, assim como um séquito de servidores de tôdas as categorias, inclusive mandarins conforme o título de nobreza conferido pelo rei à "divindade", que podia ser conde, marquês, duque ou até príncipe! Essa idolatria tem origem na teoria da metempsicose, ou seja, na crença da transmigração das almas dos reis e dos heróis para o corpo dos elefantes. O mais raro, o branco, seria a reencarnação de Buda.

OS PESCADORES DE PÉROLAS

Ceilão é uma grande ilha situada no Oceano Índico, atualmente sob dominação britânica. Fica próximo à Índia, de que é separada, ao noroeste, pelo gôlfo de Manar. Conhecida na Literatura bramânica pela denominação de Lanka, a ilha de Ceilão era chamada Tabropana pelos gregos e romanos. Os marinheiros e mercadores maometanos chamavam-na Serendib, supostamente derivado de uma palavra do sânscrito. O nome Ceilão ter-se-ia originado de Serendib.

Passando pelo domínio de várias Nações, através dos séculos, Ceilão foi sucessivamente conquistada por muitos príncipes indus, e, em 1408, um exército chinês invadiu-lhe o território, levando para o cativeiro o soberano que reinava na ocasião. Ceilão foi pela primeira vez visitada pelos portuguêses em 1505, quando ali desembarcou Francisco de Almeida, o qual encontrou a ilha dividida em sete reinos, cada qual com seu próprio monarca, suas leis e costumes; freqüentemente, as guerras entre os reis vizinhos determinavam modificações na divisão política da ilha, pois o vencedor anexava aos seus os territórios do vencido. No ano de 1517, com a devida permissão do Rei de Cotta, o Vice-Rei português, em Goa, ordenou a construção de uma fortaleza na Capital da ilha, a cidade de Colombo. Sempre em guerra com os povos nativos, os dominadores portuguêses tiveram de lutar sempre contra outras potências interessadas na conquista da rica possessão. No ano de 1602, por exemplo, o Almirante holandês Spilberg celebrou um tratado com um dos reis locais, que lhe pediu a expulsão dos portuguêses. Mas sòmente em 1658 é que os holandeses puderam se assenhorear de Ceilão. A dominação britânica foi conseqüente de uma rebelião em 1798. O Tratado de Amiens (1802) reconheceu a soberania da Inglaterra sôbre a ilha de Ceilão.

Riquíssima, e de inesgotáveis recursos naturais, Ceilão conta atualmente com uma população de quase 6 milhões de habitantes, de várias origens raciais. A indústria e o comércio são adiantados, assim como a agricultura, que inclui a produção de chá, borracha, arroz, cacau e fumo. Durante a dominação dos portuguêses, a principal fonte de riqueza explorada era a pesca de ostras perolíferas, assunto a respeito do qual, justamente, se desenrola a movimentada história que integra o sumário do presente número de EPOPÉIA: "Pescadores de Pérolas". Trata-se de uma narrativa cheia de episódios dramáticos, muito bem urdida e magnìficamente ilustrada de acôrdo com os preceitos das histórias em quadrinhos.

—o—

As ostras são moluscos bivalves da classe dos Lamelibrânquios. Há muitas espécies de ostras, inclusive as comestíveis. As ostras perolíferas são, entre outras, a Maleagrina Margaritífera e a Maleagrina Esquamulosa. A formação da pérola, suas formas e suas qualidades — tudo isso é explicado, resumidamente, no decorrer de "Pescadores de Pérolas".

Conversa do Diretor

A NOSSA edição de hoje de EPOPÉIA é dedicada integralmente ao grande italiano que é F. Caprioli. "O Elefante Sagrado" e "Pescadores de Pérolas", que completam as quarenta e oito páginas dêste número, são o máximo de personalidade que se pode imprimir a histórias em quadrinhos — quando elas são honestas no seu desenrolar e verídicas na coordenação.

Caprioli voltará ainda, várias vêzes, a EPOPÉIA. Com "Aquila Maris" e "Kim", êste baseado na narrativa de Rudyard Kipling.

—o—

Recebemos a seguinte carta:

"Palácio Rio Negro, Petrópolis, 30 de janeiro de 1953. Senhor Diretor: Apesar de tardiamente, lamento muito o incidente de 31 de outubro. Considero sua Editôra a melhor de tôdas. ROY ROGERS e GENE AUTRY, para mim, são ótimas revistas. Quanto a EPOPÉIA, não tenho palavras para dizer. Muito bem desenhada. Mas por falar em desenho, os de TARZAN estão decaindo. Aprovo mais a côr verde em suas revistas, porque descança a vista. Desculpe a letra. Obrigado. (a) *Getúlio Vargas da Costa Gama.*"

★ O jovem que nos enviou esta carta é neto do Presidente da República, dr. Getúlio Vargas.

—o—

De Goiânia, GO., recebemos uma carta de *Paraguassu Gois,* na qual nos faz (entre outras) a sugestão de que se publique em EPOPÉIA a História do Dilúvio, a de Moisés e das Doze Tribos de Israel, a dos Reis Saul, David, Salomão e outros. Paraguassu nos envia também a sua fotografia, que o mostra às margens do rio Araguaia, lendo esta revista.

★ A fotografia não a podemos publicar, por estar mal copiada. Quanto às Histórias pedidas, vamos publicar tudo em "A Bíblia em Quadrinhos" — que será a mais arrojada realização desta Editôra, breve.

—o—

Iris Lima, de São João Del Rei, MG., manda nos dizer que só escreveu agora para nos dar os seus parabéns pelo sucesso de EPOPÉIA, porque bem sabe como são tôdas as revistas no Brasil. No 1.º número, tudo muito bem arranjadinho, para, depois, degringolar... Mas com EPOPÉIA não se deu isso — diz a Iris. E a prova é que, lendo no 5.º número "O Hussardo da Morte", nunca imaginou que se pudesse conceber tal preciosidade. "Eu sempre tive confiança nessa Editôra e agora vejo que ela jamais decepcionou."

★ Obrigado, Iris Lima.

—o—

José Soares de Oliveira, de Salvador, BA., também sòmente agora nos manda os seus parabéns pelo aparecimento desta revista. E explica por quê: Tem dezoito anos de idade e até aqui não tinha, pròpriamente, uma predileção por esta ou aquela revista. Com o aparecimento, porém, de EPOPÉIA, êle viu que tinha, por fim, a revista ideal. A única que coleciona.

★ Coleção de EPOPÉIA vale ouro...

—o—

Antenor Reschini, de São Paulo, SP., diz-se "fanático" por tôdas as nossas revistas, e pede a publicação de biografias ou fatos da vida de Caxias, Rui, Oswaldo Cruz e outros brasileiros.

★ Já estamos providenciando.

—o—

Hans Georg, de Feitoria, São Leopoldo, RS., escreve-nos o seguinte:

"Sr. Diretor: Sendo grande admirador seu e de suas publicações, vejo-me na obrigação de lhe escrever esta carta. Tenho especial preferência por EPOPÉIA; e, desde o seu lançamento, não perdi um número sequer. E isto me foi de muita utilidade nos estudos do curso secundário. Por isso mesmo, pergunto: será que o descobrimento do Brasil, as Bandeiras, a Insurreição Pernambucana, a Inconfidência e outros fatos memoráveis da História Pátria não poderiam figurar na EPOPÉIA?"

★ Podem. E vão figurar. Estamos trabalhando nesse sentido.

Correspondência

Lourenço F. Doresto, de Nova Iguaçu, RJ., é contrário à propaganda comercial em EPOPÉIA.

—o—

Reynaldo Brandão Carneiro, do Distrito Federal, reclama o atraso de saída de EPOPÉIA. De fato, com o incêndio ocorrido em nossa Editôra, atrasamos algumas publicações. Nem poderia ser diferente. Mas, até à edição de março, tudo voltará ao normal.

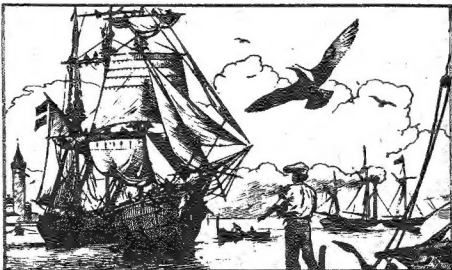
—o—

Também *Nelson Cunha Jordão,* de Curitiba, PR., se queixa do atraso com que chega EPOPÉIA às bancas de jornaleiros da sua cidade. E pede-nos uma revista de histórias "sobrenaturais". Êsse gênero, não publicaremos.

—o—

E, para terminar, o pedido de *João Batista da Silva,* do Distrito Federal: para que EPOPÉIA se publique de 15 em 15 dias...

O Elefante Sagrado
★
DESENHOS DE CAPRIOLI
★
Em 1830 começavam a aparecer os primeiros navios a vapor — a nova fôrça que estava destinada a arrebatar à vela o domínio dos mares, e os grandes veleiros ainda povoavam as rotas oceânicas.

É o "Trinacria", um sólido brigue, que se prepara para partir para as Índias Orientais. Já foram içadas, na carangueja as bandeiras de partida e de chamada ao pilôto.

Imediatamente o escaler do pilôto larga do cais e se dirige para o "Trinacria", levando dois marinheiros retardatários e...

...um menino napolitano, órfão, que vive sòzinho, pobremente, vendendo estatuetas de gêsso. O pilôto, que o conhece e tem pena dêle, permitiu-lhe excepcionalmente embarcar no escaler para ir a bordo do "Trinacria" vender a sua mercadoria aos marinheiros.

O escaler encosta devagar no "Trinacria". O pilôto e os dois marinheiros se passam para bordo do brigue, e um dêles, por inadvertência, esbarra no menino, cuja caixa se vira, deixando cair no mar todo o seu conteúdo.

OH!

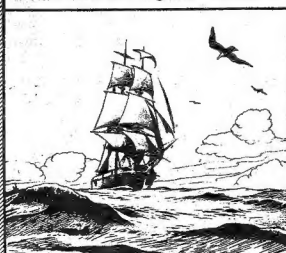
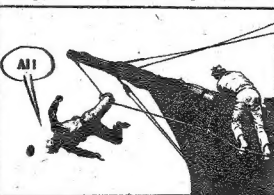
O Capitão, que assistira ao pequeno drama, chama o menino.
Olá, menino! Vem cá!
Que vou fazer agora? Estou arruinado! Ajuda-me, Nossa Senhora do Carmo!

Não te desesperes! Daremos um jeito de remediar o mal. Como te chamas?
Rudi.

Vive só no mundo, e é um bom menino...
Seria uma bela obra de caridade!
Não o duvido. Se a equipagem não estivesse completa, eu o engajaria.

Gostarias de navegar, Rudi?
Sim, muito! Leve-me como grumete, Capitão! Por favor!

Como grumete, é impossível; mas, para ajudar-te a ganhar a vida e afastar-te das más companhias, levo-te como ajudante de cozinha. Queres?
Oh, sim, Capitão, muito obrigado!

Governado pelo velho pilôto, o "Trinacria" sai do pôrto e faz-se ao largo.
O veleiro está agora em franquia, isto é, fora dos perigos da costa: escolhos, correntezas e outros. O pilôto entrega o leme ao timoneiro de turno e, depois de trocar os votos de praxe, deixa o "Trinacria" e volta à terra no seu escaler.
Que a sorte vos acompanhe!
Deus te ouça!
E assim tem início a viagem do "Trinacria".
Rudi, apoiado à amurada, contempla, um tanto perturbado, a extensão de água cada vez maior que o afasta da sua querida terra. Mas o cozinheiro chinês o chama bruscamente à realidade.
Acolda, Boy! Vem lavá platos!
O humilde emprêgo de lavador de pratos não é o ideal de Rudi que...
Anda! Deplessa!
...fascinado pelas manobras dos marinheiros...
Lápido, boy!
...pára, sempre a contemplá-los.
Que desastre!
Enfurecido, o cozinheiro persegue Rudi, que...
Ah! Vou te dá uma sula!
...é atirado contra o Capitão, pelo jôgo do barco.
Ai!
Com a breca!
Perdoe-me, Capitão! Não foi de propósito!
Ha!

O diálogo é interrompido bruscamente por um acidente. Um dos marinheiros ocupados a *rizar* a vela da gávea, devido a um balanço mais forte provocado por um vagalhão, escorrega no *estribo*, de onde fica pendurado.

"Rizar" significa diminuir a superfície de uma vela, prendendo-a com os cabos presos às velas, que se chamam *rizes*. Faz-se quando o vento é muito forte. "Estribo" chama-se a corda que pende ao longo das vêrgas e serve de apoio aos marinheiros quando êstes trabalham nas velas.

Durante algum tempo o infeliz fica balouçando no espaço, e em vão tenta reerguer-se.

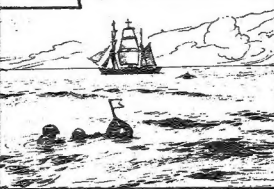
Depois, antes que os companheiros possam socorrê-lo, precipita-se, ricocheteia sôbre o *amantilho* da vêrga inferior da vela grande e mergulha no mar.

"Amantilhos" são as cordas que sustentam, pelas extremidades, as vêrgas afim de mantê-las em posição horizontal.

"Amainar o pano" significa dispor as velas de maneira a imobilizar o navio, diminuindo o impulso do vento. Essa imobilidade, compreende-se, é relativa.

Percebendo que o marinheiro está prestes a ser tragado pelas ondas, Rudi resolve tentar salvá-lo; sem hesitar, sobe à amurada e se atira com um belo salto para a esteira espumosa deixada nágua pelo navio.

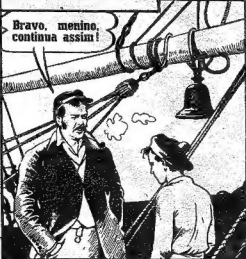
Com poucas e vigorosas braçadas, alcança o náufrago e o ampara...

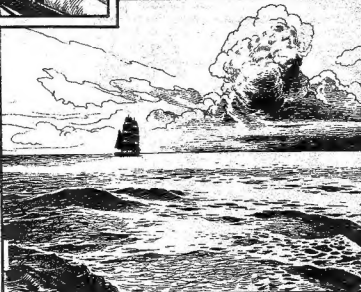
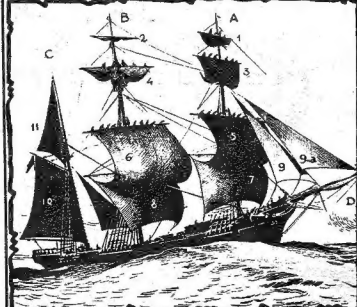
Depois agarra-se a uma bóia atirada antes pelo pilôto, e espera o escaler, mantendo sempre fora dágua a cabeça do marinheiro, agora desmaiado.

Rudi e o marinheiro salvo são recolhidos...

...e levados para bordo do "Trinacria".

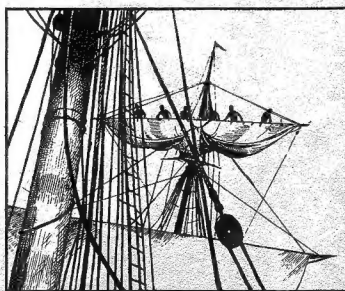
Rudi está radiante com a promoção.

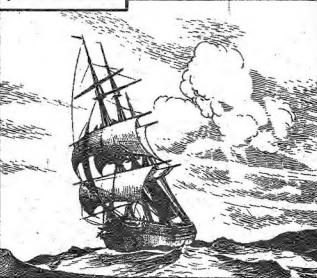
Sempre o primeiro a apresentar-se para as manobras, rápido e hábil, o menino lida com as velas trepado nas vêrgas mais altas, indiferente ao balanço do navio e atento aos apitos do pilôto, como um velho lôbo do mar.

É o predileto de todos; e o Capitão está muito satisfeito com êle.

Nas horas de descanso — se faz bom tempo — Rudi canta as cantigas da sua pátria, de Posillipo e de Santa Lúcia, acompanhando-se com uma velha guitarra. Os homens o ouvem enternecidos.

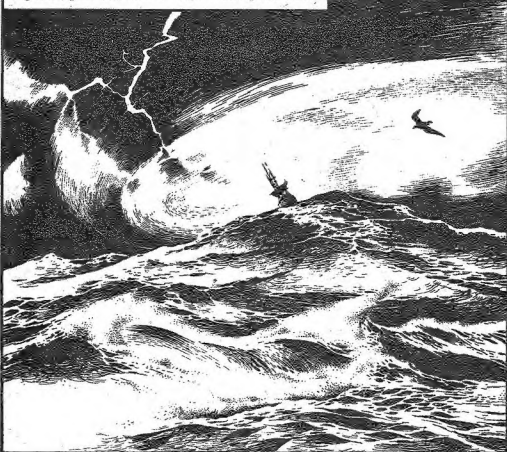
Tendo dobrado o Cabo da Boa Esperança sem incidentes, o "Trinacria" alcança o Oceano Índico. Até o tempo se manteve relativamente bom, mas, na altura das Ilhas Mascarenhas, grandes massas de nuvens negras se acumulam ao nordeste e o vento cessa, de repente, por completo.

Ao meio-dia, o Imediato se aproxima do Capitão que está tomando a altitude do sol com o sextante afim de verificar a posição do "Trinacria".

Enquanto as manobras são executadas, o oceano começa a agitar-se e as nuvens invadem o céu. O calor se torna sufocante. São ferradas também os velachos — isto é, as velas que se chamam respectivamente, *joanete de proa (3) e joanete grande (4)*. Depois diminui-se a superfície das velas restantes, isto é, são *"enrizadas"* as *gáveas*: *velacho* (5) *gávea* (6), e as velas maiores — *traquete* (7) e *vela grande* (8). Das "velas da bujarrona" (D) a anterior é a *vela de estai* (9), e a posterior é a *giba* (9-a). As velas marcadas com os números 10 e 11 são as velas de ré — a gata, que é a superior, e a *mezena*, que é a inferior.

A) Mastro do Traquete
B) Mastro Grande
C) Mastro da Gata
D) Pau de Bujarrona

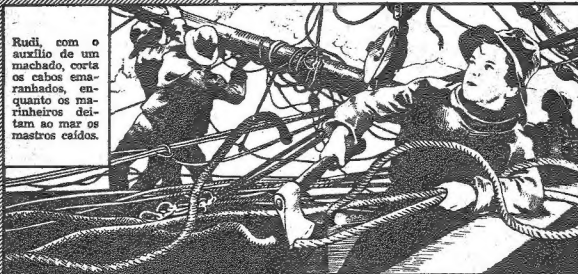
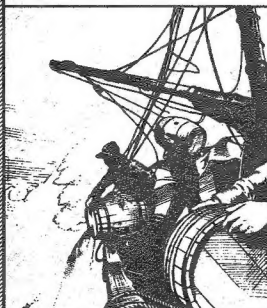
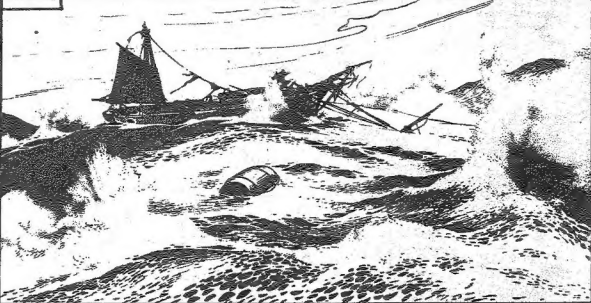
Na linguagem náutica dos veleiros, "acima" significa subir ao alto dos mastros, e a palavra "sôbre" serve para designar as velas quadradas, mais altas e menores. No caso do "Trinacria", que é um brigue, as sôbres são as primeiras a serem ferradas — isto é, quando o tempo está ameaçador.

"Afrouxar" significa fazer virar o navio até que êle fique com a pôpa voltada em direção ao vento.

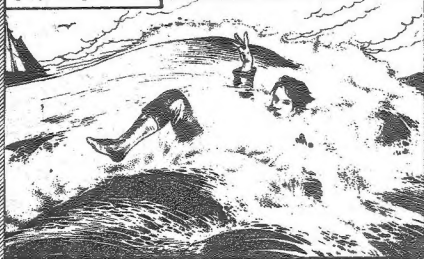
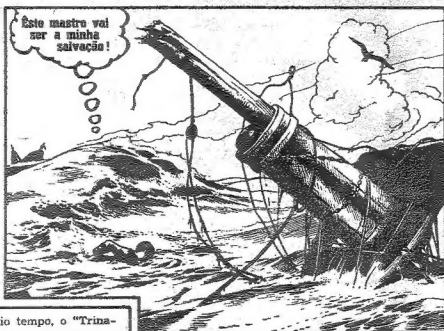
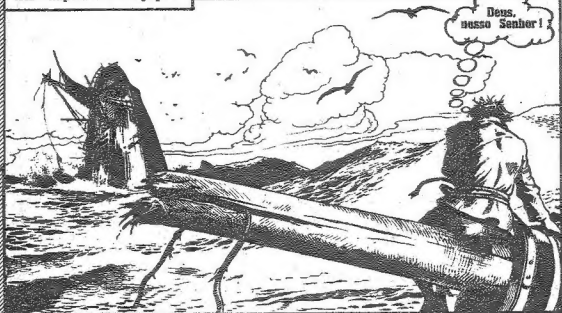
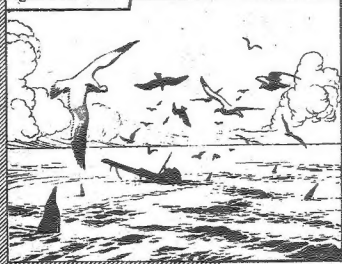
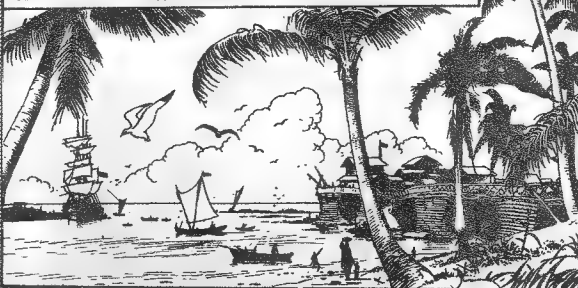
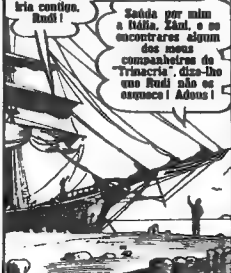
As primeiras rajadas são violentas, e o "Trinacria" trata de afastar-se o mais possível da provável trajetória do furacão.

O vento e as ondas aumentam cada vez mais, e o comandante manda ferrar as gáveas. À noite o mar se torna assustador; faíscas e clarões rasgam as nuvens, iluminando o céu. Trata-se mesmo de um furacão!

Furacão é o nome que se dá aos ciclones do Oceano Índico e do Pacífico. São tufões circulatórios, em forma de espiral, que seguem uma trajetória difícil de se localizar. No centro do remoinho, se bem que o ar seja quase calmo, o mar é agitadíssimo e as ondas, imensas, convergem de tôdas as direções. Atingir o centro de um furacão significa, para os barcos à vela, a ruína quase certa.

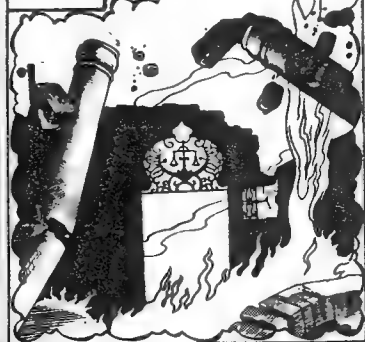
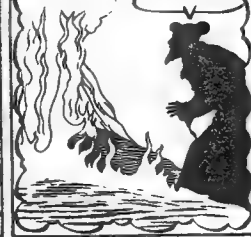
O vento volta com violência de uma direção diametralmente oposta à precedente. O "Trinacria" é colhido de lado, inclinando-se pavorosamente. O mastro do traquete se despedaça, arrastando na queda metade da mastreação.

O costado emerge à flor da espuma que o havia sepultado. Os destroços da mastreação, presos pelas enxárcias, rolam pelo convés, danificando a estrutura superior do navio. O Capitão dá ordem de os deitarem ao mar.

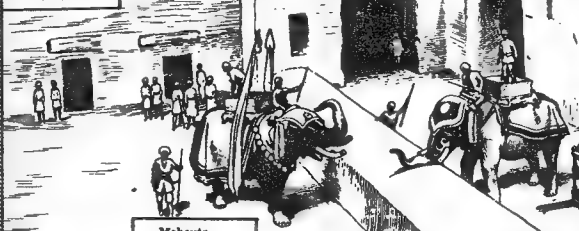
Enxárcias — Conjunto de cabos fixos que separam os mastros e mastaréus.

Rudi, com o auxílio de um machado, corta os cabos emaranhados, enquanto os marinheiros deitam ao mar os mastros caídos.
O furacão continua impetuoso. O Imediato se aproxima do Capitão.
Capitão, temos alguns barris de óleo na estiva...
Sei. Deitemo-los ao mar. As ondas se acalmarão.
Estiva — Fundo interior do navio.
Os barris são levados para a coberta e o óleo é despejado no mar, do lado de barlavento.
Um lençol de óleo se estende em volta do costado do "Trinacria" e aplaca as ondas, amainando-lhes a fúria.
Isto é maravilhoso!
Sim, Rudi, mas é coisa que só se faz em casos verdadeiramente desesperados!
Capitão, a reserva de óleo está quase esgotada. Restam-nos apenas cinco barris!
Então, preparai os escaleres e ficai prontos para abandonar navio!
OH!
Menino, a tua primeira viagem ameaça acabar mal. Se conseguires salvar-te, lembra-te do teu velho Capitão e reza por êle!
Não faleis assim, Capitão! Vereis como nos salvaremos todos!
És um rapaz admirável!
O oceano devorou o último barril de óleo. Um imenso vagalhão se abate sôbre o "Trinacria", que se inclina para estibordo e parece afundar.
Agarra-te!
Capitão, abriu-se uma fenda e a agua está invadindo a estiva!

Aos barcos! Estamos afundando!
Não! Primeiro, às bombas!
Inútil... o rombo é enorme, a água entra aos borbotões!
Restam-nos apenas minutos!
Então, embarquem! Arriem dois grandes escaleres!
Calma, rapazes!
O primeiro barco é abaixado...
Desça, Capitão!
Embarca, Rudi!
E o senhor?
Irei no próximo barco. Obedece-me!
Um vagalhão vira o barco sobrecarregado...
SOCORRO!
Arriem o outro barco, depressa!
Depressa! A água está subindo! Vamos afundar!
O segundo escaler está prestes a atingir a água, quando um enorme vagalhão se abate sôbre o "Trinacria"...
Atenção ao vagalhão!
Acudam-me!
SOCORRO!
Rudi!

O vagalhão atira Rudi ao mar e o arrasta para longe do "Trinacria", que já está perdido...
Êste mastro vai ser a minha salvação!
Rudi se agarra aos destroços e consegue recuperar o fôlego. Nesse meio tempo, o "Trinacria" empina e vai a pique!
Deus, nosso Senhor!
Não se vê ninguem! Terão morrido todos? Pobre Capitão!
O oceano se acalma, pouco a pouco. A cavalo sôbre o mastro, Rudi vai à garra durante horas. A fome e sobretudo a sêde aumentada pelo calor tropical supliciam-no atrozmente. Grandes pássaros esvoaçam sôbre a sua cabeça, e as barbatanas dos tubarões cortam as águas à sua volta.
Quando cai a noite, os monstros se tornam ainda mais audazes, e Rudi se vê forçado a dominar o sono e o cansaço a fim de poder defender-se...
E de madrugada...
UM NAVIO!
Deus do Céu, fazei com que êles me vejam!

Rudi foi visto! O navio muda de rumo e avança em sua direção. Chegando acêrca de duzentos metros, diminui a marcha e arria uma baleeira.
Acudam-me!
Cheer up!
Coragem!
E pouco depois...
Obrigado, amigos!
Are you spanish?
Não compreendo!
No, mastar, he is italian!
- Você é espanhol?
- Não, mestre, êle é italiano.
És italiano?
Sou — tu também?
Claro! Da terra de Marco Pólo — Veneziano! Os outros todos são americanos e o barco também! O "Goneg" é um CLIPPER. Vamos para a Índia.
No começo do século dezenove dava-se na América o nome de clipper a um tipo de veleiro especialmente veloz que fazia as viagens transoceânicas Hoje são assim chamados os aviões.
A baleeira é içada para bordo do "Goney" que retoma o seu rumo, rápido e majestoso.
À noite, o marinheiro veneziano lhe conta as aventuras maravilhosas do seu grande concidadão, o famoso Marco Pólo. que, no século XIII, atravessara a Ásia e conhecera os esplendores da côrte do Grande Khan. Rudi fica fascinado
Rudi, como acontecera a bordo do "Trinacria", dentro em pouco se torna predileto dos marinheiros Ajuda-os nas manobras e na cozinha.
大吉
Um mês mais tarde, o clipper ancora em Ankok, pequeno pôrto da costa índica.
O Capitão do "Goney" gostaria de contratar Rudi, mas êste recusa a oferta.
Quero ficar aqui, senhor, e tentar a sorte!
Não tens saudades da família?
Não tenho família, senhor... sou órfão!
Pobre menino... compreendo.

Rudi se despede da tripulação do "Goney". O marinheiro veneziano fica bastante comovido.
Neste continente existe também a China, que assistiu às glórias de Marco Pólo. Quero ir muito longe, Zâni, como o teu grande concidadão!
Mas, afinal, qual é a tua profissão?
Não te preocupes comigo, bom amigo!
Palavra de honra, se não fôsse o contrato, eu iria contigo, Rudi!
Saúda por mim a Itália, Zâni, e se encontrares algum dos meus companheiros do "Trinacria", dize-lhe que Rudi não os esquece! Adeus!
Com a sua trouxinha de trapos na mão, Rudi sobe a ladeira da colina e penetra na aldeia de Ankok.
No fim de uma viela há a palhoça de um oleiro. Rudi pára.
Queres dar-me abrigo, pai?
Todos somos filhos de Deus! Entra!
Rudi vive algum tempo na casa do velho, ajudando-o no seu trabalho.
Já sabes fazer belos vasos, Rudi; agora vou ensinar-te a modelar estatuetas!
Estatuetas? Mas... eu sei fazê-las muito bem! Ajudei meu pai durante algum tempo! Mostra-me os teus trabalhos, Indra!
Vem!
Indra conduz Rudi a um pequeno aposento onde estão amontoadas figuras de estranhas divindades indianas cheias de braços: Brama, Çiva, Visnu e Káli (Durga), Sita...
São belas, mas... creio que posso fazer ainda melhores, Indra!
Veremos!
Poucos dias mais tarde, as estatuetas modeladas por Rudi enchem a saleta: São tôdas madonas de rosto suave e doce, santos, um peregrino, um crucifixo...
INRI
Indra pede a Rudi que lhe explique a significação das imagens e fica profundamente perturbado com a história maravilhosa do Redentor.
A fama de Rudi se espalha. Tôda a aldeia vai admirar as imagens de um Deus tão grande, saídas das mãos prodigiosas daquele pequeno branco.

A celebridade de Rudi aumenta. Um belo dia, chega a Ankok um carroção todo enfeitado de sêdas e de flôres.
Abram caminho para Ben-Zeb, o grande mercador do Hinduztão!
Afastem-se!
O carro pára em frente à choupana do oleiro. O mercador desce e é recebido cerimoniosamente pelo velho Indra e pelo menino, Rudi.
Que os Deuses te protejam, ó grande Ben-Zeb!
Que protejam também a ti, bom velho! Glória e saúde ao jovem filho da terra onde o sol se põe!
Saúde e glória para ti!
Ouvi falar de tua fama e de tua pobreza. Quero tornar-te o homem mais rico da Terra dos Sete Rios! O poderoso soberano de Nairóbi, o sumo Vrangzeb, sabe dos feitos. Levar-te-ei a êle, e me darás uma compensação...
Tê-la-ás, mas desejo ser apresentado junto com o velho Indra!
Está bem. A gratidão honra o homem e é recompensada pelas divindades!
Rudi e Indra põem as belas estatuetas em três cêstos e as colocam no carroção.
No dia seguinte...
Eis aqui o palácio do grande Vrangzeb!
Maravilhoso! Por certo êle é um homem feliz!
Mas, pelo contrário, o velho Marajá está bem triste...
Príncipe, então não há nenhuma notícia de Njama, minha filha?
Nada, meu senhor!
Njama! Era tôda a minha vida! Ia ser, um dia, a herdeira do trono, mas um espírito maligno, que nutria nalma planos infernais, levou-a! Tê-la-á assassinado? Estará ela ainda viva? Em vão tenho feito as mais minuciosas buscas!
Ben-Zeb entra no parque, anunciado pelos servos.
Poderoso senhor! Venho da aldeia de Ankok e te trago um jovem estrangeiro. Uma fôrça extraordinária emana do seu ser; estou certo de que êle poderá acalmar a tua alma!
Trazei-o à minha presença!

Enquanto o mercador apresenta Rudi a Vrangzeb, os servos depositam as três cestas no lajedo de mármore e retiram as estatuetas.
Então, que me trazes?
Eis o jovem estrangeiro, ó poderoso senhor!
Saúde e glória ao Marajá de Nairôbi!
Saúde!
Maravilhosas!
São tuas, poderoso senhor! Guarda-as, e elas te protegerão!
São ídolos?
Quem é, então, o teu Deus?
Não, a minha fé não tem ídolos!
O verdadeiro! Aquêle que não aterroriza com a morte, com o ódio nem com a vingança! Êle pregou o amor a todos os homens, que são irmãos, e prometeu-lhes a vida eterna!
Ficarás no meu palácio! Terás quantas rupias quiseres, mas deverás trabalhar só para mim! Se trabalhares para outrem, ver-me-ei forçado a aprisionar-te.
Farei o que desejares, poderoso senhor, mas peço que o velho Indra, que me abrigou como um pai, quando eu estava na miséria, fique comigo!
Concedo-te o que pedes!
Rupia — Moeda indiana.
Daquele dia em diante, instalado numa sala riquíssima, Rudi modela estatuetas de tôda sorte para Vrangzeb. Indra auxilia-o, preparando cuidadosamente a argila e vigiando os fornos.
És mesmo um iluminado, pequeno Rudi! Vem comigo, quero falar-te da minha dor!
O velho Marajá leva Rudi até uma porta de alabastro...
Esta é a sala das recordações — suaves mas infinitamente dolorosas!

E, conduzindo-o a um canto da sala maravilhosa, conta a Rudi...
Esta é a imagem de Njama, a minha filha. Era morena... e a mais bela de todo o reino! Teria sido um dia a herdeira do trono, mas...
Certa noite...
"...as colunas e os tetos ruiram..."
Naquela noite maldita os aposentos da minha adorada Njama foram prêsa das chamas...
NJAMA! Onde está Njama? Procurem-na!
Ela não foi mais encontrada... O príncipe Abdul Gafur asseverou tê-la visto morrer entre as chamas...
Garanto-te, foi soterrada... está morta!
A dolorosa narração impressiona profundamente Rudi, que procura consolar o pobre soberano.
Deus quis experimentar-te, meu senhor... Tem fé Nêle e não deixes de O louvar... Aceita a dor como purificação e serás recompensado! Lembra-te sempre de que Êle tudo pode!
Dias mais tarde, o príncipe Abdul Gafur traz duas panteras, prêsas por correntes de ouro...
É uma oferenda minha, senhor! Boas companheiras para ti!
Um servo anuncia um estrangeiro ao Marajá...
Quem é?
Um mercador birmano.
Trá-lo!

O mercador birmane chega à presença do Marajá.
Trago-te êste instrumento de música. Foi fabricado pelos brancos... produz sons deliciosos...
Uma guitarra!
Se a quiseres, compro-a para ti!
Obrigado!
Acompanhando-se com a guitarra, Rudi põe-se a cantar as doces cantigas da sua terra...
Nesse meio tempo, no pátio, um "bairagi" que penetrara no palácio real atrás do mercador birmane, aproxima-se do assistente siamês de um encantador de serpentes e lhe murmura algumas palavras... em seu dialeto natal...
Repete exatamente ao nosso senhor, Príncipe Abdul Gafur, estas palavras: "Na noite de Káli... não faltes... os brâmanes do templo te esperam para o holocausto".
"Bairagi" — santão hindu
Indra, que compreende o dialeto siamês, ouve por acaso as palavras e...
Não é longo, portanto! E a noite de Káli é a mais escura de Mohwa, não é verdade?
.diz a Rudi o que ouvira.
O que me dizes é importante, meu velho Indra! De que templo pensas que se trate?
Certamente daquele que existe no coração da floresta, a três dias de elefante daqui, em direção ao oriente, a pequena distância da fronteira...
Justamente! Dentro de duas semanas!
E nessa mesma tarde...
Dize-me, senhor, tu conheces bem o príncipe Abdul Gafur?
Êle está comigo há dez anos!
Sei que é teu parente... Ouve-me! Quero o teu apoio incondicional para procurar tua filha! Deus misericordioso pôs inesperadamente nas minhas mãos um fio e... mas, não posso dizer-te mais, por ora!
Nem eu te perguntarei nada! Creio em ti, pequeno Rudi! Creio que o teu Deus seja tão poderoso que possa realizar êste milagre! Creio! Que posso fazer por ti?
Calar — frente a quem quer que seja! E, depois...

No dia seguinte, gritos de Mahouts e barritos de elefantes elevam-se da Keddah.
Mahouts — Condutores de elefantes.
Keddah — Lugar onde se guardam elefantes.
Um faquir de Agra põe o príncipe Abdul Gafur ao corrente do que se passa, confirmando assim as suspeitas que êle já alimentava nalma.
Cuidado! Creio que o rapazola tenha descoberto a pista que o conduzirá à princesa!
Hum...
Faquir — Monge muçulmano ou hindu, mendicante, que vive em rigorosa prática de devoção e penitência.
Rudi se despede do Marajá...
Até à volta, pequeno Rudi! Que Deus te acompanhe e faça com que encontres a minha filha!
Assim seja!
Mas... como poderás reconhecê-la? Perante Deus, assim o disseste, todos são iguais! Espera... tenho uma idéia... A canção de Bulbul é a sua predileta...
Aquela que ouvi tantas vêzes no teu parque?
Essa mesmo.
Lembro-me muito bem!
O príncipe Abdul Gafur não perde uma só palavra do colóquio...
Vai, simplório... Jamais encontrarás Niama!
Pouco mais tarde os dois elefantes, escoltados por uma tropa de homens armados entre os quais se encontra Indra, saem do palácio do Marajá, sob o comando de Rudi...
...atravessam os arrozais, cruzam um riacho, e se dirigem para a floresta.

A pequena caravana penetra na densa mataria povoada de feras e se encaminha para as montanhas...
... por perigosas veredas...
Ao anoitecer, ... para acampar ... clareira circundada de enormes moitas de bambus e os guias prendem os elefantes ... Preparam-se as fogueiras.
Uma surprêsa desagradavel espera Rudi ao despertar — os homens da escolta — com exceção de Indra e de um guia — desapareceram!
Traidores! Adormeceram-nos com o parfume de uma flor silvestre!
Só nos resta um elefante e esta arma, com meia dúzia de cartuchos apenas!
Os tres retomam o caminho e se embrenham pela floresta da morte...
Isto é um lugar amaldiçoado! Dizem os faquires que as tigres aqui são tão numerosos como os vagalumes!
Quando desce a noite...
... vultos espiam por detrás do capim...
O guia está de sentinela!
Precisamos suprimi-lo!

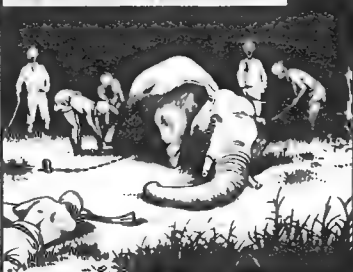
O pobre guia, atingido no coração, cai silenciosamente

O elefante, assustado, solta barritos desesperados e tenta arrebentar as cadeias

... acordando Rudi e Indra, que espiam para fora da tenda
Que há?

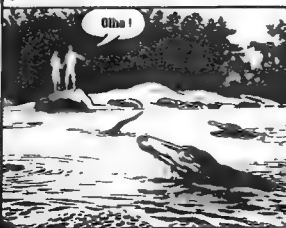
Estamos sendo assaltados!

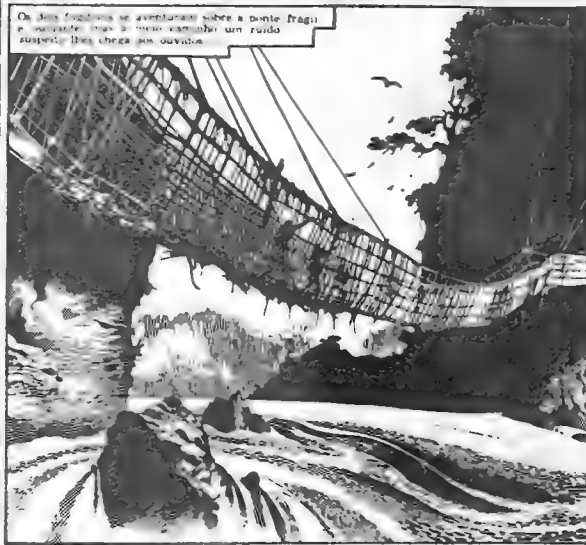
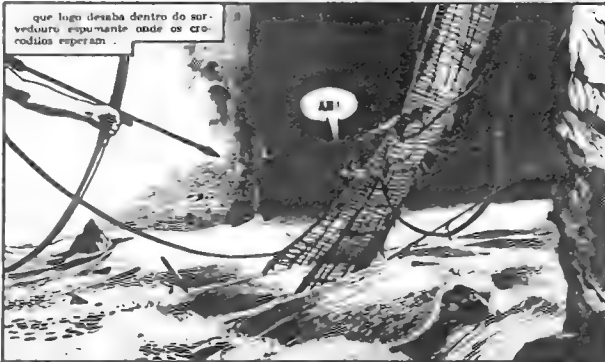
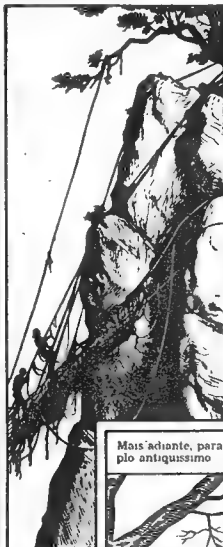
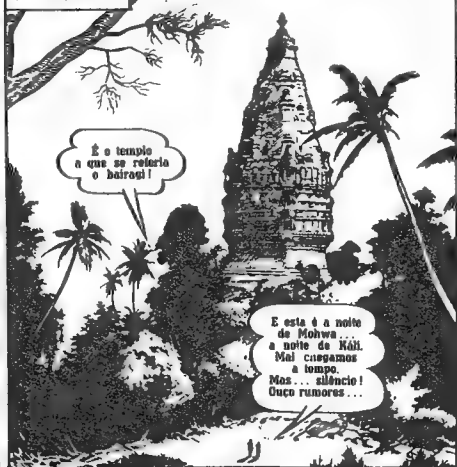
Os agressores desconhecidos se atiram sôbre o elefante e, depois de lhe cortarem os jarrêtes, matam-no

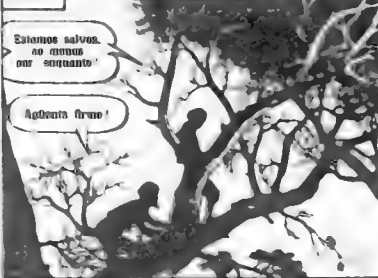
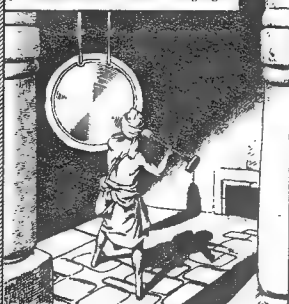
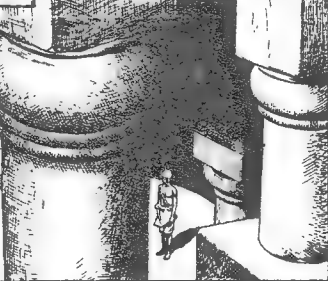
Indra e Rudi saem, sem serem vistos, pelo lado de trás da tenda e desaparecem, rastejando, por entre o capim mais alto.
Fujamos enquanto é tempo! Segue-me, Rudi!

Um riacho no meio da floresta, impede os passos dos fugitivos.

Rudi mergulha os pés na água turva, mas Indra o segura, rápido ...

Estás louco! Volta!

Numerosos crocodilos se aproximam da margem, escancarando as bôcas famintas.
Olha!

Por certo encontraremos meio de atravessar. Vamos andando rio acima!

Enquanto Indra e Rudi atravessam a floresta cada vez mais agreste, ruidos estranhos os poem de sobreaviso
Creio que os inimigos nos estão espreitando!
Temos que atravessar o rio!
Uma ponte de cipós!
Estamos salvos! Chegados ao outro lado, cortaremos a ponte!
Os dois fugitivos se aventuram sobre a ponte frágil e oscilante mas a meio caminho um ruído suspeito lhes chega aos ouvidos
Golpes de machado ressoam rápidos! Quatro hindus cortam as amarras da ponte
que logo desaba dentro do sorvedouro espumante onde os crocodilos esperam.
Ah!

Mais adiante, para além de uma pequena clareira, deparam com um templo antiquíssimo.

É o templo a que se referia o bairagi!

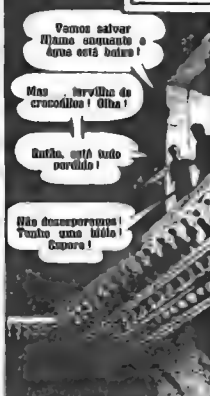
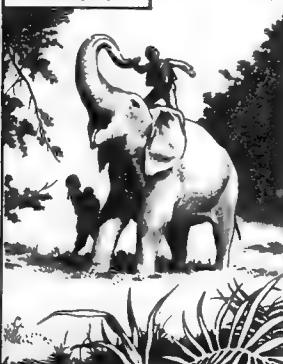
E esta é a noite de Mohwa... a noite de Káli. Mal chegamos a tempo. Mas... silêncio! Ouço rumores...

Um dos sacerdotes faz soar um gongo.

De uma das portas sai um homem vestido com os trajes que tinham usado em outras eras os guerreiros hindus. Na cabeça traz um capacete de ouro cravejado de pedras preciosas. Seguem-no, em longa fila, os sacerdotes de vestes brancas.

Os bramanes se agrupam em volta do príncipe, em frente a estátua da deusa Káli.

Do alto do seu esconderijo, Indra e Rudi olham, espantados!
Mas . . . aquêle é o príncipe Abdul Gafur! Como póde êle chegar antes de nós?
Os elefantes correm!

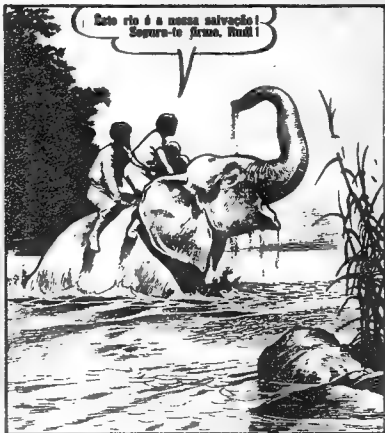
Ninguém, a não ser eu, poderá jamais reinar em Nairóbi! Eu sou o eleito — e a filha de Vrangzeb será sacrificada à deusa poderosa!

Entra um brâmane, trazendo nos braços uma jovem sem sentidos, vestida como uma deusa e enfeitada com flôres .
Eis o teu holocausto, ó Káli!

...e a deposita no regaço da monstruosa estátua.

É Njama! Sim... a minha soberana! Está viva como bem o disseste, ó iluminado!

Minutos depois Rudi está ao lado de Indra, sôbre a galeria do templo. Njama ainda não recuperou os sentidos
Não está morta. É apenas vítima de um poderoso narcótico. Trataremos de sair daqui, Rudi!
E os tigres?
Iremos pela platibanda até ao outro lado, onde é provável que êles não estejam. Traze o cipó, Rudi!
Pronto! Saltemos daqui!
Chegados ao lado oposto do templo, Rudi e Indra amarram uma ponta do cipó numa saliência ornamental e descem até ao chão, levando Njama consigo.
O ELEFANTE SAGRADO!
Que é isso?
Um elefante branco adorado pelas tribos de origem siamesa. Treparemos na sua garupa e fugiremos! Conheço a linguagem em que se guiam os elefantes. Êle obedecerá!
Indra se aproxima do elefante e, acariciando-o, murmura-lhe algumas palavras. O animal sacode as orelhas, satisfeito.
O paquiderme levanta Indra com a tromba e o coloca na garupa...
Alguns brâmanes, adoradores do elefante branco, dão o alarma.
Sacrilégio!
Sacrilégio!
Morte aos sacrílegos!

O elefante branco, levando no dorso Indra, Rudi e Njama, chega ao rio e se atira à água, enquanto irrompem do matagal os berros dos brâmanes.

O elefante se afasta ràpidamente do templo, mas de madrugada os viajantes ouvem um estrépito aterrador!

Uma tremenda inundação, que arrasta árvores e rochedos, se abate sôbre os infelizes; Rudi e Njama são tragados pelas águas ..

No mesmo instante, o príncipe Abdul Gafur fala aos brâmanes, do alto do templo.

Grande multidão de homens armados segue em direção a Nairóbi, guiada pelo príncipe Abdul Gafur.

Mas Indra, depois de haver em vão procurado Rudi e Njama na floresta alagada...

...chega com o elefante sagrado ao palácio do Marajá e lhe conta o sucedido.
Os homens fugiram, após matar os nossos elefantes, mas Rudi encontrou a tua filha!
Minha filha está viva, então?

Sim, mas Abdul Gafur traiu-te, senhor! Os seus deuses são falsos. Êle adora o elefante branco e queria sacrificar a Káli tua filha! Na sua cólera, destruiu os diques do lago sagrado...

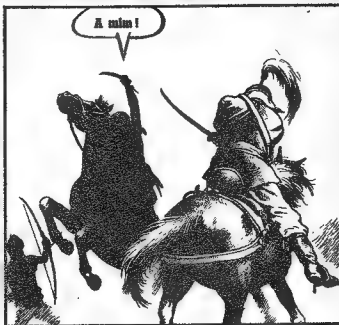
As águas tragaram tudo! Rudi e a princesa desapareceram!
INFAME!

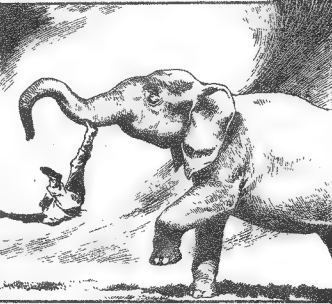
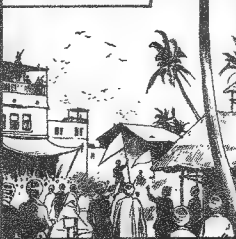
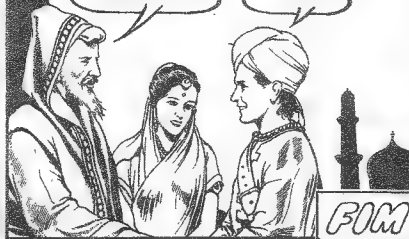
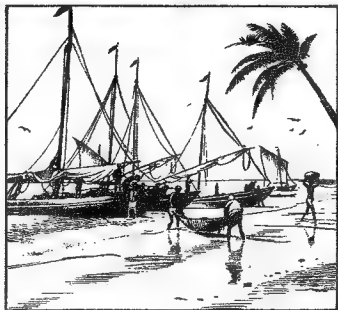
Armem os meus guerreiros! Eu próprio os chefiarei! GUERRA AO TRAIDOR!

A guerra contra Abdul Gafur é proclamada do alto da maior tôrre de Nairóbi. Ao mesmo tempo, mensageiros do Marajá percorrem tôdas as estradas do reino, prometendo recompensas a quem der notícias de Rudi e de Njama.

O exército de Nairóbi marcha contra Abdul Gafur.

Por entre os cinquenta e tantos elefantes do exército de Nairobi, destaca-se um, branco — é Dum, o elefante sagrado que conduz o Marajá, e é guiado pelo fiel Indra
A noite os soldados acampam
O velho Marajá, acompanhado de um oficial e de Indra, sai para inspecionar o terreno, e . . .
Quem grita na floresta ?
Ninguém, senhor !
Pareceu-me ouvir alguma coisa . . . tenho um pressentimento no coração !
Há uma fogueira, lá em baixo !
Será o inimigo ? Impossível !
Vou fazer um reconhecimento
RUDI !
Sim . . é, realmente, Rudi, que vela por Njama, adormecida perto da fogueira.
INDRA !
Como conseguiste salvar-te ?
Trepando nas árvores, depois de termos sido arrastados pela correntoza !
A vossa salvação é augúrio de vitória ! Vinde, o Marajá vos espera !
Njama, filha minha !

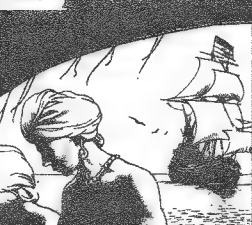
A súbita descoberta da princesa dá lugar a cenas entusiásticas de alegria, de parte dos soldados de Nairóbi; e os elefantes, a mando dos seus barbudos condutores, levantam as trombas e prorrompem numa salva de barritos!
SALAAM KARO!
Pela nossa Maharani!
Às armas, irmãos! Os soldados do traidor se dirigem para nós!
Alerta!
Êles vêm daquele lado!
ÀS ARMAS!
VIVA!
Os soldados de Abdul Gafur, o rebelde, se encontram com os do Marajá de Nairóbi. A luta se trava, encarniçada, pela noite adentro, à luz das fogueiras.
Pelo Marajá!
Cavalgando um fogoso potro, Rudi entra no combate, e, reconhecendo Abdul Gafur, desafia-o!
Traidor, defende-te!
A mim!
Uma flecha fere mortalmente o cavalo de Rudi...
OH!
O príncipe atira o seu cavalo sôbre Rudi, afim de esmagar o jovem...

Ah!
O príncipe se levanta e Rudi o enfrenta novamente
Defende-te!
Para castigar o traidor!
Milagre!

Rudi vai golpear o príncipe quando o Marajá intervém...
Poupa-o! Olha... seus homens o abandonam!
A batalha está, agora, favorável ao Marajá.
Cessou a tempestade Reunidos em volta do Marajá e do prisioneiro — o príncipe Abdul Gafur — os guerreiros aguardam a sentença.
A lei do Deus em que agora creio, porque é o Deus do bem e da verdade, manda que se perdoe o ofensor!
Então... tu perdoas o ódio e a traição?
Confio na vossa generosidade, meus heróis! O homem a quem beneficiei traiu-me — mas eu não posso vingar-me!
Vingança não queremos, porém... justiça!
Indra conhece a linguagem dos elefantes sagrados. Que êle fale a Dum — e Dum julgará! É um costume antigo!
Seja!
Indra se aproxima do elefante branco, levanta a enorme orelha do animal e murmura as palavras cabalísticas...
Dum solta um barrito, e em seguida agarra o príncipe com a tromba...
AI!
. . e como se estivesse conscientemente executando um ato de justiça, atira-o ao chão, matando-o!
Fêz-se justiça!
Grandes festas são realizadas em homenagem aos vencedores, que voltam, triunfantes, a Nairóbi.
O meu povo te aclama! De hoje em diante és meu filho, Rudi!
Obrigado, soberano! Saberei merecer o teu afeto!
FIM

Ceilão é famosa, sobretudo, pela perfeição das pérolas colhidas nas ostras que existem em grande quantidade nas águas de suas baías e enseadas. Desde os tempos mais remotos, flotilhas numerosas de "sambucos", "bumasis" e outros curiosos tipos de embarcações ligeiras deixam os portos naturais ao longo de tôda a costa ocidental do gôlfo de Manar e vão em busca das ostras fabulosas...

E, em certo dia do ano de 1602, quando holandeses e portuguêses lutam pelo predomínio de seus navios nos mares do Oriente, em determinado lugar da costa de Ceilão estão conversando Manrico, o Governador português, e o encarregado geral dos pescadores de pérolas, o gordo Peres...

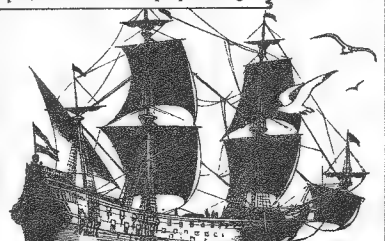
De repente...

Aproximam-se do "sambuco" os dois portuguêses...

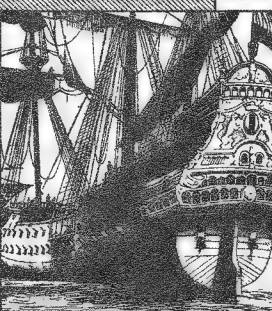
...e, momentos depois, a bordo da embarcação...

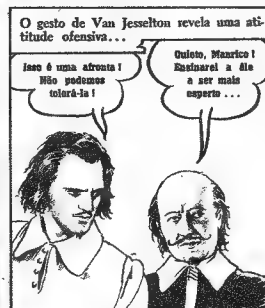
A uma pergunta, o chefe dos mergulhadores explica...
Malabar! Que aconteceu?
Sopal estava no fundo, senhor, quando foi atacado por um grande peixe-espada, e ficou ferido gravemente!
Não é êsse um acontecimento raro, na vida de perigos que levam os pescadores de pérolas. Mas o chefe Malabar, agora, parece pressentir desgraça maior...
Não tenhas receio, Malabar! O meu amigo tratará do ferido!
Sim, senhor... mas, nós sabemos que quando o peixe-espada aparece no início da pesca é mau agoiro para o ano inteiro.
Enquanto estão todos distraídos, a cuidar do ferido, não percebem um grande navio que avança para a costa... No mastro, está hasteada a bandeira holandesa!

Mas...
Senhor! Um navio!
Por Júpiter! É um galeão holandês!

É um barco da Companhia das Índias!

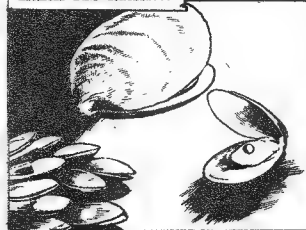
O "East Indiaman" é um navio poderosamente armado, a serviço da "Companhia das Índias Holandesas", para longas viagens. De grandes proporções, e com muitas bôcas de fogo, pode enfrentar no mar qualquer inimigo.

Malabar está assustado...
Que vos disse eu, senhor? O peixe-espada traz azar!
Malabar, com peixe ou sem peixe... aquêle navio teria chegado! São as nossas pérolas que o trazem aqui, compreendes?

Amigo Peres, vê o que eu pressentia: holandeses... Mau sinal!
Logo saberemos se vêm como amigos ou como inimigos...

Com os perigos e responsabilidades, que juntos compartilhavam, crescera e se consolidara a amizade entre o Governador, Manrico, e o encarregado Peres.
O melhor, Peres, será fazer boa cara, e tratar de sair desta... com vantagem!
Podes contar comigo e com os indígenas — que te são fiéis!

O grande navio ancora a pouca distância do "sambuco", para o qual se dirige, daí a pouco, um escaler.

E...
Salve, amigos portuguêses!
Salve!

Dadas as ordens, os pescadores de pérolas dispõem em tôrno do casco do barco, nos dois bordos, fortes traves. De cada trave pendem duas cordas: uma, grossa, que serve para o mergulhador se orientar na descida e na subida; e outra, fina, na qual é prêsa uma pedra, destinada a facilitar a descida ao fundo.

Da ostra é extraída uma pérola de tamanho descomunal.

Manrico explica ao holandês que, se um corpo estranho como — por exemplo — um ínfimo grãozinho de areia, penetra na ostra, é logo envolvido por aquela mesma substância, mas, de natureza mais delicada...

Os movimentos do molusco imprimem à substância que envolve o corpúsculo um movimento rotatório, e a pérola que se forma adquire o feitio esférico. Se o corpúsculo é alojado de maneira a ficar prejudicada a sua movimentação, têm-se as "bipérolas" que apresentam diversas formas: ovaladas ou achatadas, e são de valor muito menor...

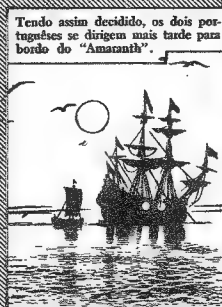
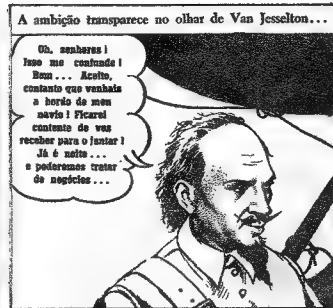
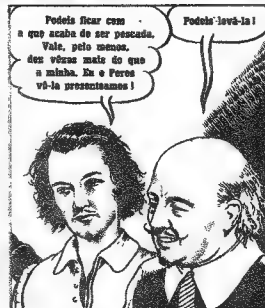
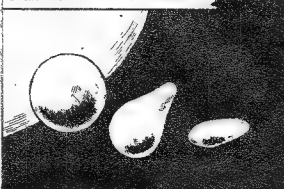
A ambição transparece no olhar de Van Jesselton...

Van Jesselton faz outra reverência, e vai para o escaler, que o leva de volta para o seu galeão.

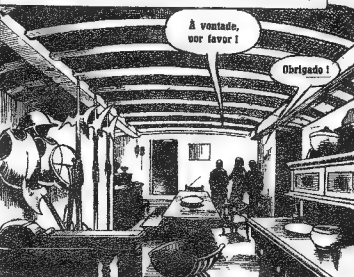
Enquanto isso, no "sambuco" dos portuguêses...

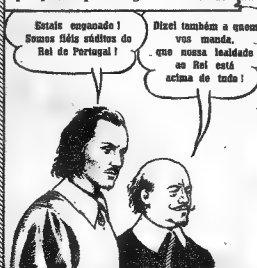
Tendo assim decidido, os dois portuguêses se dirigem mais tarde para bordo do "Amaranth".

Van Jesselton fizera preparar para os dois hóspedes uma festiva recepção.

Em certo momento...

Van Jesselton, sem ser notado, de passagem dá uma ordem a Kubler, que, porém, já está meio embriagado...

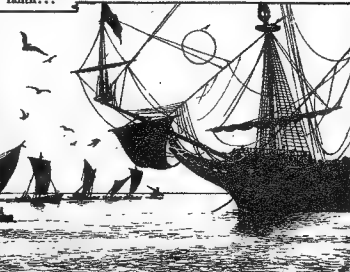
O bêbedo Kubler não está em condições de refletir...

O camarote de Van Jesselton é ricamente decorado.

Van Jesselton insiste...

Peres e Manrico compreendem logo a que ponto quer chegar o holandês.

Como um tigre enraivecido, Van Jesselton se põe de pé.

Entretanto, numerosas embarcações, deslizando como sombras, dobram o cabo Rohany... e velozmente se aproximam do "sambuco" de Malabar...

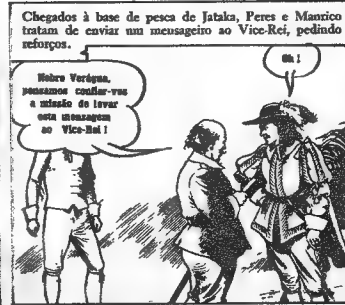
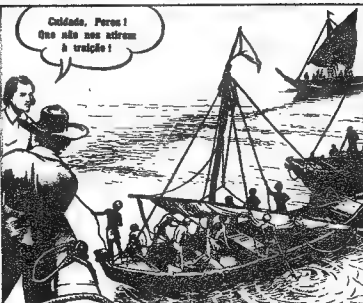
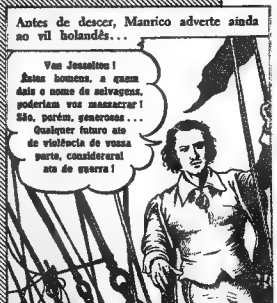
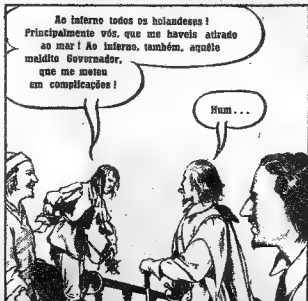
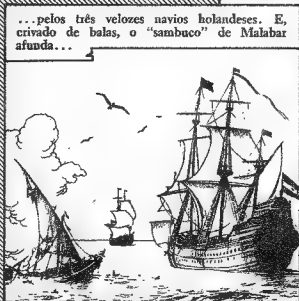
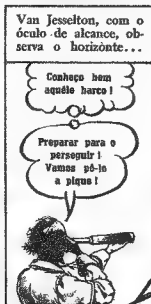
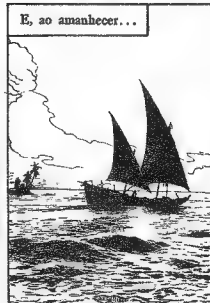
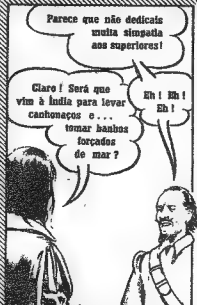
Rápidas palavras são trocadas entre os tripulantes dos misteriosos barcos e os homens do "sambuco"...

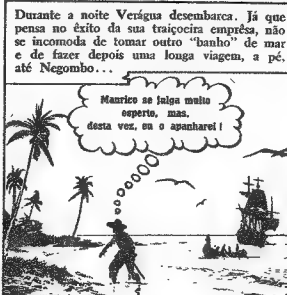
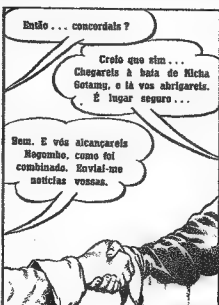
Silenciosamente as embarcações se aproximam do "Amaranth..."

Os oficiais e marinheiros holandeses estão entregues à bebedeira...

Cingalês: natural da ilha de Ceilão.

Os holandeses abrem fogo contra as embarcações que estão quase tocando terra. Mas, devido à forte bebedeira, não conseguem acertar no alvo...

Chegados à base de pesca de Jataka, Peres e Manrico tratam de enviar um mensageiro ao Vice-Rei, pedindo reforços.

A ação de Van Jesselton junto às costas ocidentais de Ceilão faz parte de um plano de conquista tramado pelos holandeses, em prejuízo dos portuguêses. Operando em estreito contacto com o comando dos dois navios de guerra, êle se apronta para pôr em execução nova tentativa de desembarque.

Van Jesselton percebe logo o caráter daquele com quem fala e, astuciosamente, consegue saber muita coisa, e fazer de Verágua seu aliado. Entre os dois é firmado um pacto secreto. No pensamento de Verágua germina a idéia de enriquecer com a pesca de pérolas. E, tendo maiores ambições ainda, planeja usurpar de Manrico — servindo-se do holandês — o Govêrno de Ceilão.

Durante a noite Verágua desembarca. Já que pensa no êxito da sua traiçoeira emprêsa, não se incomoda de tomar outro "banho" de mar e de fazer depois uma longa viagem, a pé, até Negombo...

Na base de Jataka, após a partida de Malabar, os dois amigos dividiram entre si as suas tarefas. Peres terá de costear a praia até o pôrto de Jafna, organizando a defesa das aldeias costeiras; e, depois, embarcar num navio e reunir-se a Manrico, em Negombo...

...e Otaru fica em Jataka, encarregado de cuidar da pesca e vigiar o movimento dos navios inimigos...

Manrico está a caminho de Negombo.

... quando...

Por Júpiter! Que aconteceu?

Senhor Manrico! Salvei-me por triz!

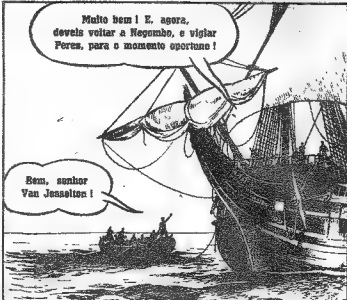
Verágua conta a Manrico ter sido o "sambuco" abordado pelos holandeses. Diz mais que fôra feito prisioneiro, mas, conseguira fugir, jogando-se ao mar...

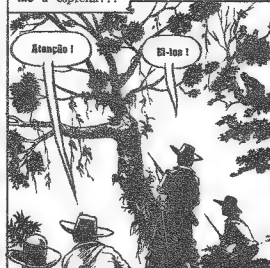
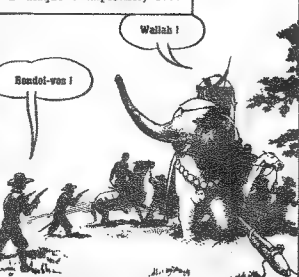
Sim, Malabar, com grande esfôrço, conseguira com outros companheiros, atingir a nado a costa meridional da Índia.

Entrementes, em Negombo, enquanto Manrico se demora nas obras de defesa, Verágua pensa em novas traições...

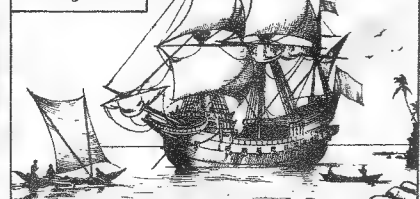
...e parte, a fim de pôr em execução os seus planos...
Lá está o "Amaranth". Daqui a pouco estarei a bordo!

Depois, a bordo do "Amaranth"...
A estrada passa a três léguas daqui, pela floresta dos Barriam. Podereis prendê-lo com facilidade, Van Jesselton!

Muito bem! E, agora, deveis voltar a Negombo, e vigiar Peres, para o momento oportuno!
Bem, senhor Van Jesselton!

Nada suspeitando, o Governador Manrico deixa Negombo, para onde Verágua já retornara...

Não longe dali, da selva, os holandeses estão à espreita...
Atenção!
Ei-los!

O ataque é imprevisto, e...
Wallah!
Rendei-vos!

... ràpidamente os holandeses cercam e imobilizam a escolta.
Não sabeis atacar senão à traição! Quem vos informou da minha viagem?

Tenho cem olhos na Ilha, senhor! Asseguro-vos que também o vosso amigo Peres não demorará a cair em minhas mãos! Ah! Ah! Ah!

Muito antes do que era previsto, porém — ao raiar daquele mesmo dia — o navio que reconduz Peres, ancora diante de Negombo...

Ao desembarcar, Peres se encontra com Verágua...
O senhor Manrico partiu para Colombo!
Que instruções deixou?

De repente...
Senhor! Os holandeses!

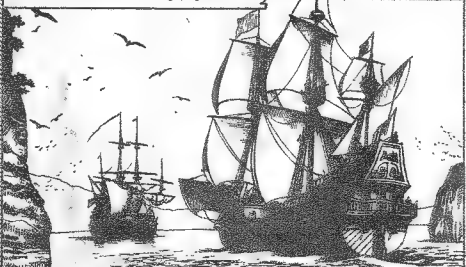
O Governador foi aprisionado! Um navio holandês está ancorado na baía de Kicha Gotamy!
Deve ser o "Amaranth"! Vou armar-lhe uma cilada!

Com hábil manobra, Peres manda para a baía de Gotamy um contingente de portuguêses e guerreiros indígenas, e se faz ao mar para bloquear o "Amaranth".

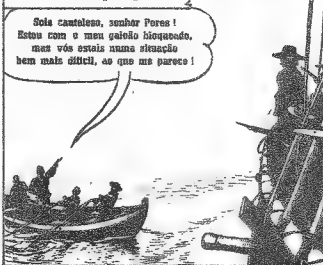
Mas, os vigias holandeses, descobrindo o perigo, advertem Van Jesselton... tarde demais, porém! O galeão de Peres está entrando na barra!

Maldição! Os vigias assinalam um navio e patrulhas armadas na costa! Caímos numa armadilha!
Van Jesselton! Tenho em mente um estratagema!
Ouçâmo-lo! Espero que não seja mais uma de suas bobagens!

O Capitão Kubler comunica seu plano a Van Jesselton, que parece se reanimar...
Capitão Kubler! Não sabia que fôsses tão ardiloso! Aceito a tua idéia... e a completarei com melhorias de MINHA autoria!

O galeão de Peres fecha a barra. Tudo está pronto para o golpe... Peres vai dar ordem de abrir fogo, quando...

... no "Amaranth"...
Senhor Governador! Pensais que os portuguêses terão coragem de atirar contra nós? Não o creio... O vosso amigo é por demais prudente...

De fato...
Maldito holandês!
Alto, rapazes! Não dispareis!

Momentos depois, um escaler do "Amaranth" se aproxima do navio português...
Sois cauteloso, senhor Peres! Estou com o meu galeão bloqueado, mas vós estais numa situação bem mais difícil, ao que me parece!

Convido-vos a ir a terra, onde parlamentaremos! Os nossos homens ficarão armados, à distância. Encontrar-nos-emos a sós e discutiremos à vontade... Tendes, na verdade, algumas vantagens estratégicas, e, por isso, não há o que temer...

Peres vai a terra. Entre as alas de holandeses e portuguêses armados, encontra-se Van Jesselton...
Bem-vindo!

Minha proposta é simples e clara. Restituir-vos-ei o Governador, que tenho como prisioneiro, se me garantirdes passagem livre com o "Amaranth"!
Está bem!

Não é só: deveis, além disso, assinar o compromisso de me cederdes um trecho da costa para que eu possa praticar livremente o meu comércio!
Impossível!
Nesse caso, só tenho a vos declarar que o vosso amigo será enforcado na vérga-mestra! Podeis olhar com o meu óculo... e vereis que êle está com laço no pescoço! Meus comandados esperam sòmente um sinal... Quanto ao "Amaranth", vereis que somos bastante fortes para combater!

Van Jesselton não mente! Mesmo a ôlho nu, Peres pode distinguir seu amigo no convés do navio holandês...

Então? Quereis assinar?
Mas... que vos adiantaria isso?
Adiantaria muito... sempre tomo precauções... Quero impedir-vos de me dar aborrecimentos!

Hesitais? Bem... De bordo, esperam! Se quereis ceder a palavra aos canhões, assim seja! Mas afirmo que Manrico não sairá vivo da baia de Kicha Gotamy!

A corda já circunda o pescoço de Manrico! E Peres hesita entre sentimentos opostos...

Finalmente, para salvar o amigo e evitar derramamento de sangue, o chefe português resolve aceitar a humilhante condição do pacto que o põe sèriamente comprometido perante seu Rei!
E... então?
Assinai, logo!
Aceito!

Estou assinando a minha condenação, Van Jesselton! Mas, quero dizer-vos: desde êste momento, não vos darei trégua!
Peres

Pouco depois, voltando Van Jesselton com seus homens para bordo do "Amaranth", Manrico é libertado; e o galeão português, por ordem de Peres, deixa livre a saída da baía...

Manrico!
Peres!

Peres, como amigo, eu te agradeço! Mas, como português, devo reprovar-te! Acima dos interêsses do Rei, puseste a minha pessoa... Não devias deixar escapar Van Jesselton! Além da própria liberdade, quais outras condições exigiu êle?

Diante da insistência do amigo, Peres se vê obrigado a confessar por que preço lhe salvara a vida!
Aquêle documento pode ser a tua condenação! Já pensaste o que te sucederá, se cair nas mãos do Vice-Rei?
Daremos caça a Van Jesselton, e o recuperaremos!

Com um só navio? Sabes que dois holandeses estão ao largo? E nós, na baia de Colombo, não temos um barco sequer!
Pois estou certo de que havemos de vencer!

O "Amaranth" já vai longe, em alto mar...

...enquanto o galeão português abre as velas e ruma para o pôrto de Colombo.

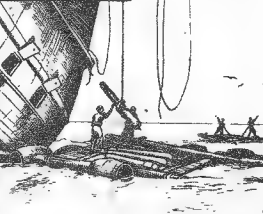
O galeão que leva o Peres e Manrico chega a poucas milhas do pôrto de destino...

...quando, devido a um êrro de manobra, bate contra os recifes!

Manrico não perde o seu costumeiro sangue-frio...
Verificai a quilha!

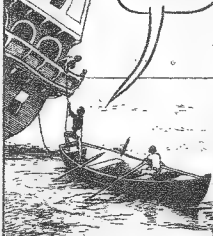
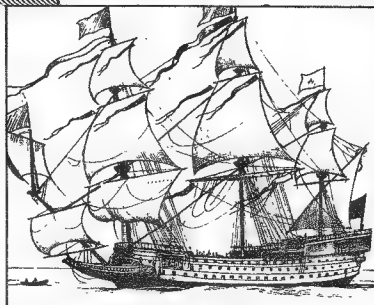
O rombo não é grande, mas a água já enche o porão...

Contramestre! Faze reparar o casco!
Homens, às bombas!
E tu, Peres, faze descer as vêrgas e os pequenos mastros!

Com pedaços da mastreação, Peres faz construir algumas balsas para desembarcar os canhões e tôda a carga mais pesada. Assim, o navio poderá ser pôsto a flutuar mais fàcilmente...

Com a baixa da maré, descobre-se a quilha e os marinheiros aproveitam para completar os reparos...

Pronto! Agora, só nos resta esperar a maré alta para fazer fôrça no cabrestante!

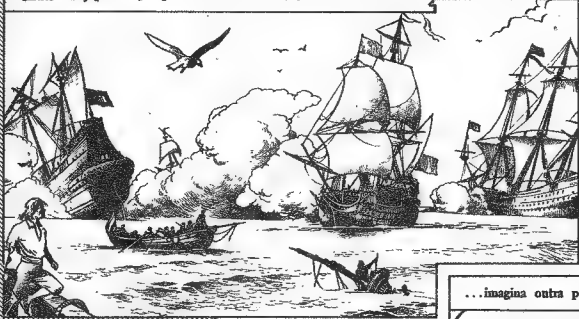
Horas mais tarde, outro navio surge no horizonte...
Traz a bandeira portuguêsa!
Sim, conheço-o! É o "Lisboa", e deve estar de volta das Índias Orientais!

Vou a bordo daquele navio, Peres! Ficarás aqui e... muito cuidado com a maré!

O "Lisboa" é um grande navio de guerra, com três pontes. Tem cento e dezesseis canhões de variado calibre e uma tripulação de oitocentos homens, entre marinheiros e soldados. Uma verdadeira fortaleza flutuante! Manrico se aproxima dêle, em um escaler...

...e, a bordo do "Lisboa", encontra no Comandante franca adesão aos seus planos de iniciar imediatamente a perseguição aos navios holandeses.

Peres, ao mesmo tempo, ultima com perfeição os trabalhos de desencalhe do galeão...

Dois dias depois, com votos de bom êxito e de vitória, o "Lisboa" e o galeão partem de Colombo...

No entanto, Van Jesselton desembarcara grupos armados na costa norte e nela se entrincheirara. Enquanto isso, o "Amaranth" e outros dois navios holandeses estão ao largo... Em terra, portuguêses e cingaleses atacam o inimigo, fazendo-o recuar mais para o norte. É uma campanha difícil e extenuante...

Finalmente, o "Lisboa" e o galeão entram em combate com os três barcos holandeses, diante de Japua. E, depois de dura batalha, põem-nos ao fundo!

Em terra, Van Jesselton resiste ainda algum tempo. Mas, diante da combatividade dos portuguêses, procura o documento comprometedor, mas, em vão.

Talvez se tenha perdido no afundamento do "Amaranth"!

Espero que sim!

Infelizmente, o documento caíra nas mãos de Verágua que, fugindo numa pequena embarcação...

...imagina outra perfídia...

E isto será a arma que me dará o Govêrno de Ceilão! Irei a Goa entregá-lo ao Vice-Rei... Isto basta para mandar Peres para a fôrca! Eh! Eh! E — quem sabe? — também Manrico!

Quatro dias depois, o traidor chega ao pôrto de Goa, e se faz anunciar ao Vice-Rei...

O Vice-Rei, admiradíssimo, lê o manuscrito, com interêsse...

Embarca, então, o Vice-Rei no navio capitânia para Ceilão.

...e, lá chegando, faz prender Peres. Depois, instaura rigoroso inquérito para averiguar as causas do tratado com os holandeses.

Durante a viagem, Verágua atiça o Vice-Rei contra Manrico e Peres, procurando desmerecer a vitória obtida contra os inimigos de Portugal.

Peres procura se defender, expondo as razões que o impeliram a assinar o humilhante documento.

Manrico se levanta, furioso!

Tudo parece favorecer a trama de Verágua! Se Peres fôr condenado, Manrico, em sinal de protesto, abandonará o seu pôsto de Governador, e Verágua será o seu substituto.

Não podeis sair, Manrico ... até que tenhamos julgado o vosso amigo ! O fato de terdes vencido os holandeses não diminui vossa obrigação de respeito para com o Vice-Rei !

"Êles — e outros como êles — construíram aldeias onde só havia frágeis cabanas! Melhoraram a condição de vida dos pescadores de pérolas que antes eram explorados por mercadores árabes e persas! E vivem entre nós, trabalhando duramente, fiéis sempre a Sua Majestade o Rei de Portugal..."

E agora vós os acusais e condenais como traidores? Os traidores estão entre vós! Verágua! Eis aí o traidor!
É uma calúnia! Fazei calar êsse selvagem!

Otaru desmascara Verágua e não hesita mesmo em acusar de pusilânime o próprio Vice-Rei. Otaru não é mais o súdito submisso: é o chefe que dispõe do direito de vida ou de morte!

Colombo, a Capital de Ceilão, está em mãos do meu povo! O navio está em meu poder! Poderei expulsar-vos fàcilmente de Ceilão!

Ao clarear do dia, já é grande a multidão de pescadores hindus e cingaleses que, de terra e do mar, de tôdas as partes aclamam um só nome: OTARU!

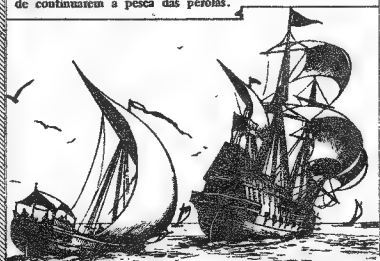
Vêde, como é grande a minha fôrça? Mas Otaru é generoso! Sereis libertados, exceto Verágua, o traidor!

Em Ceilão continuarão a governar Manrico e Peres! A êsses é que jurei fidelidade, e por êles serei sempre fiel súdito de Portugal!

Faz-se mais forte o clamor dos hindus e dos cingaleses...
OTARU! OTARU!

Mas Otaru, subindo à vêrga, responde com um vibrante brado!
VIVA PORTUGAL!

Senhores, haveis "enfeitiçado" êste povo! Agora, compreendo: a retidão de caráter é mais forte que a insídia da intriga e da maldade!

Naquele mesmo dia, Peres e Otaru voltam a Jafna, a fim de continuarem a pesca das pérolas.

E, assim, as riquezas do mar, que a cobiça de alguns homens havia transformado em motivos de lutas, voltam a ser, outra vez, fonte pacífica de prosperidade.

Quem foi Dostoievski

Féodor Mikhaylovich Dostoievski nasceu em Moscou, Rússia, a 11 de novembro de 1821.

Sua infância passou-se fora do mórbido ambiente de seu lar paterno. Recebeu educação nas Escolas de Engenharia e Militar, depois do que foi comissionado no exército. Em 1844, deixou a farda para se dedicar à literatura.

Mais ou menos ao mesmo tempo, entrou em atividade num grupo político que buscava a libertação dos servos russos. Não sendo extremista, Dostoievski sempre insistia em que a emancipação do camponês devia ser conseguida através de um decreto do Czar. Quanto às comunas utópicas que eram preconizadas por outros políticos contemporâneos, Dostoievski dizia que, para êle, a vida numa comuna seria pior que a detenção numa prisão siberiana.

Em abril de 1849 ingressou num círculo de estudos socialistas, sendo prêso durante um surto reacionário. Decorridos oito meses, êle e seus companheiros foram colocados ante o pelotão de fuzilamento. Deram-lhe a cruz a beijar, partiu-se uma espada ante êles e se adiantaram os três primeiros para a execução. Dostoievski estava no segundo grupo a ser executado... Súbito, ouviu-se a ordem de ensarilhar armas e mandaram desatar os pulsos dos que já haviam sido amarrados. Sua Imperial Majestade comutara a sentença de morte!

Segundo explicaram aos prisioneiros, o Czar pretendera dar-lhes uma lição. Um dos detentos enlouqueceu. O incidente é narrado por Dostoievski em seu romance "O Idiota".

Comutada a sentença de morte, Dostoievski passou quatro anos na Sibéria, na "Casa dos Mortos". Depois que o libertaram, escreveu ao irmão: "A constante companhia de outros atua como veneno ou como a peste, nessa espécie de comunismo concentrado, convertemo-nos em encarniçados inimigos da humanidade. Durante quase cinco anos, estive constantemente sob vigilância, ou com várias pessoas — nunca a sós comigo mesmo".

Só em 1865 se completou, na mente de Dostoievski, a obra "Crime e Castigo", concebida na prisão. Entrementes, êle fôra sôlto, servira como oficial do exército (ainda no exílio), casara-se e recebera permissão para voltar à Rússia. Logo após regressar, Dostoievski publicou "O Idiota", "Humilhados e Ofendidos" e o registro impessoal de sua vida na prisão: "Recordações da Casa dos Mortos".

Féodor Dostoievski era filho de pais ricos. Seu genitor era um próspero latifundiário que foi assassinado por um de seus servos, a quem tratara cruelmente. Nos últimos anos, entregara-se à bebida e tornara-se extremamente avarento. Quarenta anos após a morte do pai, Dostoievski escreveu outro clássico da literatura russa "Os Irmãos Karamazov", no velho e avarento Karamazov, assassinado por um servo, dizem que o autor descreveu o próprio pai.

Dostoievski se referiu a seu "Crime e Castigo" dizendo-o "um dos tristes e dilacerantes dramas que tão amiúde se desenrolam sem ser vistos, quase em mistério, sob o pesado céu de Petersburgo, nos secretos e escuros recantos da vasta metrópole".

Faleceu o grande vulto da literatura russa a 9 de fevereiro de 1881.

ÓPERAS FAMOSAS - IV

CARMEN

de GEORGES BIZET

Estamos na hora do almôço em uma fábrica de cigarros de Sevilha, Espanha. As operárias saem, rindo e cantando, da fábrica e vêm namorar os soldados que descansam em um acampamento próximo.

Todos os soldados, com exceção de José, bonito e forte rapaz, concentram os seus olhares sôbre a bela Carmen. Não acostumada a uma tal indiferença, Carmen joga, propositadamente, um "bouquet" de flôres aos pés de José. Antes que êste possa dizer qualquer coisa, soa o sinal da fábrica, e Carmen para lá se dirige com as outras moças. Quando José vai jogar fora as flôres de Carmen, ouve-se um vozerio que vem da fábrica.

Carmen havia brigado com uma outra moça, ferindo-a durante a luta. José é incumbido de conduzi-la à prisão. Esquecendo o dever, José se deixa levar por um repentino impulso amoroso e permite que Carmen fuja. Êle, que já agora está apaixonado pela linda Carmen, concorda em se encontrar com ela em uma taverna fora da cidade.

A taverna é o esconderijo de um bando de contrabandistas, para os quais Carmen às vêzes trabalha. Escamillo, um valente toureador, entra na taverna e é recebido com vivas e palmas. Carmen se sente atraída pelo simpático toureador, e começam a conversar alegremente.

Finalmente, chega José, e Carmen procura convencê-lo a deixar o Exército e juntar-se ao bando de contrabandistas. Mas o sentimento de honra do soldado não lhe permite aceitar tal sugestão. Carmen se enfurece, dizendo-lhe que êle não a ama, e o chama de *escravo* e covarde.

Neste momento entra o tenente Zuniga, que ama também Carmen, e ordena a José que volte para o acampamento. O soldado, ciumento, recusa-se a obedecer a ordem do seu superior. O oficial esbofeteia José e êste desembainha então a espada. Mas dois dos contrabandistas intervêm, segurando o tenente. José compreende que não mais poderá voltar ao quartel, e concorda então em acompanhar Carmen e seus comparsas ao acampamento dêles, nas montanhas.

A princípio, a vida dos dois corre tranqüila e feliz; mas à medida que passa o tempo, a leviana Carmen se cansa de José.

Certa noite, Escamillo, o toureiro, vem ao acampamento para confessar seu amor pela bela Carmen. José, que ouve suas palavras, desafia-o para um duelo. Tiram suas facas e iniciam a luta. Quando José domina Escamillo e vai feri-lo mortalmente, Carmen e dois contrabandistas separam os rivais. Escamillo, ao se retirar, convida todos a assistirem à tourada que se realizará brevemente em Sevilha.

José se dirige a Carmen e a avisa de que está cansado de sofrer devido à sua leviandade. Ela sacode os ombros, e se afasta sem responder.

Enquanto José está parado, pensando em sua vida infeliz, aproxima-se Michaela, uma graciosa moça de sua aldeia natal, que o chama para visitar sua mãe, que se acha à morte. Antes de partir, José avisa Carmen de que ainda tornarão a se encontrar.

No dia da tourada, Sevilha está em festa. Carmen e o toureiro Escamillo entram na praça principal da cidade. Escamillo entra para a arena enquanto Carmen fica do lado de fora, ouvindo as aclamações da multidão.

Quando ela olha em tôrno, vê que José se aproxima. Êle vem lhe pedir que volte para junto dêle, a fim de começarem vida nova. Carmen responde bruscamente que não mais o ama, e que prefere morrer a voltar para êle.

Nesse momento dramático, ouvem-se gritos da multidão que aplaude Escamillo. Quando Carmen, alegremente, se lança em direção à arena, José se coloca em seu caminho. Insiste em que ela o acompanhe. Carmen, aborrecida, joga ao chão o anel que José certa vez lhe dera. José avança e a apunhala.

Enquanto Carmen cai aos pés do desesperado José, ouvem-se os aplausos da multidão, lá na arena, celebrando mais uma vitória de Escamillo. E, quando êste chega, daí a pouco, à procura de Carmen, só pode chorar seu amor tão tràgicamente terminado.

PINTURA BRASILEIRA
DA SILVA